

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ELGLES MILENO COSTA DANTAS

**MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO: O ESTUDO DO
FESTIVAL FOLCLÓRICO DE QUADRILHAS DE FARO-PÁ.**

PARINTINS-AM
2018

ELGLES MILENO COSTA DANTAS

**MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO: O ESTUDO DO
FESTIVAL FOLCLÓRICO DE QUADRILHAS DE FARO-PÁ.**

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção de nota na disciplina de trabalho de conclusão de curso - TCC, na Universidade do Estado do Amazonas-UEA, no curso de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Charlene Maria Muniz da Silva

PARINTINS-AM

2018

Dedico esta monografia com muito amor à minha mãe, Maria Assunção e minha avó Francisca Miranda, pela sabedoria nos aconselhamentos que sempre me deram forças e paciência nos momentos difíceis, sempre repletos de amor. Para meu Pai, Emanuel Dantas, pelo apoio que me deu e o sacrifício de trabalhar longe da família para me manter estudando em outra cidade.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente à Deus, pelo dom da vida e por me dar coragem de prosseguir e vencer os obstáculos em mais uma jornada importante da minha vida. Aos meus familiares que sempre me deram força e apoio nos meus estudos, à minha mãe Maria Assunção que sempre me incentivou em nunca desistir, ao meu pai Emanuel Dantas que me ajudou nesta jornada, minha avó Francisca Miranda a qual dedico esta monografia, que sempre se preocupou por eu estar longe da família.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a. Charlene Maria Muniz da Silva, pelas orientações no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, sem a qual, não poderia ter concluído.

Aos meus amigos que me ajudaram a sair do momento de estresse, Sidney, Jorge, Guilherme, Juliano, Sara, Denner, Brayan e em especial a Iane Brito pela ajuda na pesquisa de campo e pelo apoio em vários momentos que precisei.

A minha namorada Lorena Fonseca pela paciência que teve com meus estudos, por ter me dado força de nunca desistir e sempre falar “Amor, se não tá fazendo nada faz logo teu TCC”.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a realização desta monografia.

*Se não puder voar, corra. Se não puder correr, ande.
Se não puder andar, rasteje, mas continue em frente
de qualquer jeito.*

Martin Luther King

RESUMO

As quadrilhas juninas da cidade de Faro-Pá, há muito vem fortalecendo-se como manifestação cultural, ficando conhecida pelo modo diferenciado da dança caipira como a quadrilha é vista. Partindo dessa premissa, o presente trabalho teve como objetivo principal fazer a análise das principais transformações culturais do festival de quadrilhas juninas da cidade de Faro-Pá, identificando as influências culturais que contribuíram para as transformações. Para tal, foi necessário realizar uma pesquisa de caráter qualitativo, no qual, buscou-se fazer uma análise com base na inserção do pesquisador na área de pesquisa. A principal estratégia utilizada para a inserção no campo foi pelo envolvimento, enquanto participante de quadrilha junina. A seleção dos sujeitos da pesquisa foi pela experiência e o envolvimento com o festival, por conta de uma melhor contribuição na análise, isso levou a delimitação nas duas quadrilhas mais antigas (Foliões da Madrugada e Campinense no Arraiá), após a coleta de dados e a análise das entrevistas, identificou-se as principais influências apontada pelos entrevistados como: a ciranda de Manacapuru-Am, Boi Bumbá de Parintins-Am e o uso de tecnologia na festa, a qual deixou as quadrilhas modernizadas e divulgadas através da internet. Em um contexto contemporâneo marcado pela cultura de massa e os processos de globalização, com todas as influências que parecem próprias da realidade, faz-se importante o estudo das manifestações culturais no espaço geográfico para compreensão da troca de valores entre culturas diferentes, uma circularidade cultural que transforma diferentes significações com a troca de conhecimento e de relação de convívio, na qual, a geografia cultural proporciona subsídios para a compreensão da sociedade como sua organização, focando-se na descrição e análise da variedade dos fenômenos culturais.

Palavras chaves: Manifestação Cultural. Quadrilhas Juninas. Circularidade Cultural. Transformações.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Local onde as quadrilhas se apresentavam.....	30
Figura 2 – Mostra a indumentária da quadrilha Campinense.....	32
Figura 3 – Coordenação de quadrilha.....	35
Figura 4- Roupas de chita.....	35
Figura 5 – Indumentária Luxuosa com brilhos e pedrarias.....	36
Figura 6 – Localização do local da festa.....	38
Figura 7- Foto aérea do ginásio no dia do festival.....	39
Figura 8 – Ciranda de Manacapuru.....	41
Figura 9 – Quadrilha Foliões da Madrugada.....	41
Figura 10 – Galera da Unidos do PC.....	43
Figura 11 – Alegoria presente na Apresentação.....	44
Figura 12 – Momento que a Alegoria traz a destaque.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PC – Porto de Cima

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1 CAPÍTULO 1	13
1.1 A GEOGRAFIA CULTURAL	13
1.1.1 A Geografia Cultural brasileira	16
2 CAPÍTULO 2	19
2.1 A IMPORTÂNCIA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	19
2.1.1 Circularidade Cultural	24
3 CAPÍTULO 3	27
3.1 O MUNICÍPIO DE FARO/PA: CARACTERÍSTICAS DO SEU ESPAÇO GEOGRÁFICO	27
3.1.1 O Festival de Quadrilhas de Faro-Pará	28
3.1.2 Espaço da festa	37
4 CAPÍTULO 4	40
4.1 INFLUÊNCIAS CULTURAIS QUE CONTRIBUÍRAM PARA AS TRANSFORMAÇÕES NO FESTIVAL DE QUADRILHAS	40
4.1.1 Ciranda de Manacapuru-AM	40
4.1.2 Boi Bumbá de Parintins-AM	42
4.1.3 Uso de tecnologia na festa das quadrilhas	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
6 ANEXOS	54

INTRODUÇÃO

A finalidade desse trabalho consiste em compreender as influências e transformações culturais no festival folclórico das quadrilhas de Faro-Pá. Para tal, buscou-se identificar tais influências que contribuíram para as transformações no festival das quadrilhas, verificando aspectos históricos, as mudanças e transformações das quadrilhas juninas na cidade de Faro-Pá. Para tal utilizou-se a pesquisa qualitativa e exploratória, utilizando-se do método fenomenológico, com uso das técnicas de coleta de dados através de entrevistas.

Iniciar, desenvolver e concluir este trabalho foi algo que me despertou o interesse, não apenas pelo fato de esclarecer o objeto de pesquisa, mas por compreender as transformações que as quadrilhas juninas do festival de Faro-Pá, passaram ao longo dos anos. Pois, visa fazer uma análise das influências recebidas pelas quadrilhas para que tenha ocorrido esse salto que as mesmas tiveram para atingir a dimensão do espetáculo que é visto na disputa do festival atualmente.

Apesar da festa junina tratar de uma celebração brasileira, tem sua origem europeia, que durante a Idade Média ficou conhecida como festa de São João, se tratando de um evento religioso que exalta os santos católicos de Portugal. Trazida para o Brasil no período colonial, a festa ganhou outras interpretações, desprendendo-se do sentido religioso e assumindo uma ligação maior com a terra e com as origens brasileiras.

O trabalho também faz uma análise no perfil das quadrilhas juninas existente atualmente na cidade, focando nas duas mais antigas e como se tornaram mais “profissionalizadas” em suas apresentações refletindo em uma adaptação dos grupos da chamada cultura popular que se faz presente no contemporâneo, marcada pela competitividade, resultando em uma visão espetacular das manifestações artísticas e no aprimoramento técnico dos trabalhos.

O desenvolvimento da pesquisa é fruto de uma antiga relação, enquanto pesquisador e participante. O gosto pela quadrilha junina vem desde a infância, tendo no mês de Junho a festa de São João Batista, padroeiro da cidade de Faro-Pá. Onde cada escola se apresenta e mostra as danças Juninas pensando no brincante do

amanhã que irão compor uma das quadrilhas da cidade. Isso se dá ainda com passos tradicionais: caminho da roça, caracol e grande roda que acabam por estimular novos integrantes.

A dinâmica das quadrilhas acabou por chamar atenção em estudar as manifestações culturais no espaço geográfico, pois os festejos populares com seus traços diferentes, costumes e níveis de emotividade, acaba trazendo a atualidade, com o mundo mais globalizado, diferentes formas de adaptação e reinvenção do tradicional que é inspirado na grande parte das festas populares.

Neste caso, a pesquisa vai ressaltar como as quadrilhas juninas foram se transformando e deixando de serem vistas e generalizadas como algo caipira, destacando elementos que influenciaram de alguma forma nos costumes e na tradição do povo fareense, isso levará ao conceito de circularidade cultural, no qual, será explicado no desenvolvimento do trabalho.

Para a compreensão da reinvenção/adaptação na maneira de se manifestar culturalmente, foi feita uma análise conforme depoimentos de brincantes e organizadores dos grupos de quadrilhas, visto que, aspectos históricos não encontravam-se arquivados junto a secretária de cultura. Isso, faz com que a pesquisa se torne ainda mais relevante em resgatar a identidade cultural dos moradores da cidade de Faro, que necessita de documentos históricos que comprovem e sirvam de referências para estudos futuros.

Essa reinvenção/adaptação segundo entrevistas, surgiram a partir de 2006, onde as quadrilhas sofreram mudanças gradativas, com a criação do festival e apoio do poder público (município). Após dez anos, verificam-se transformações significativas nas apresentações e no festival, onde é citado elementos de manifestações culturais de cidades próximas e uso de tecnologias como causa dessas mudanças, além, da disputa que levou as quadrilhas incluírem novos elementos que chamem atenção.

Também, o estudo do festival servirá para sua divulgação, como forma de atrair novos turistas e movimentar a economia do município que segundo o IBGE (2017), tem renda per capita de R\$ 6945,04. Dessa forma, acredito que trará algumas informações de grande relevância nos estudos da geografia cultural, contribuindo no

registro dos diversos tipos de manifestação cultural em um país heterogêneo como o Brasil.

Para compor esta monografia, foi preciso analisar entrevistas realizadas durante o trabalho de pesquisa e utilização de fotos, bem como um estudo bibliográfico para construção de um referencial teórico que dei suporte no objeto de estudo, contribuindo assim, na geografia cultural brasileira que ainda é pouco estudado por pesquisadores.

O trabalho está assim dividido: o Capítulo I, trata sobre **A Geografia Cultural**, onde foi discorrido sobre o entendimento da Cultura nos estudos geográficos, o capítulo II faz abordagem **A importância das manifestações culturais na produção do espaço geográfico**, pois no Brasil existem inúmeras manifestações culturais, com seus diferentes traços, costumes e níveis de emotividade, que acompanhada com os meios de comunicação, multiplicam-se e acabam interferindo e sofrendo interferência no espaço geográfico. O capítulo III foi discorrido **O município de Faro/Pá: características do seu espaço geográfico**, neste capítulo foi abordado sobre o festival de quadrilha de Faro, como se organizam, como surgiu o festival e suas características. Por último o capítulo IV, **Influências culturais que contribuíram para as transformações no festival de quadrilhas**, será apresentado as influências culturais no festival, destacando a ciranda de Manacapuru/Am, o boi bumbá de Parintins/Am e o uso de tecnologia na festa.

Considerando as dificuldades encontradas na pesquisa, principalmente na falta de trabalhos para auxiliar como fonte bibliográficas não apenas do festival de quadrilhas, mas da cidade de Faro-Pá, acredito que esta pesquisa será de grande importância na contribuição de conhecimento de uma manifestação cultural tão forte na cidade, e tão pouco divulgada. Também, servirá para auxiliar estudos na área de pesquisa, contribuindo assim, para a geografia cultural brasileira.

1 CAPÍTULO I

1.1 A GEOGRAFIA CULTURAL

O entendimento sobre Cultura nos estudos geográficos tem seu processo de sistematização e institucionalização a partir do século XIX, em decorrência das novas técnicas de registro e transmissão de informações, assim como das necessidades colocadas pelo arranjo capitalista de identificar e mensurar os diversos territórios passíveis de exploração e controle econômico (expansão do capital).

Nesse sentido, Cultura é inicialmente tomada como uma série de artefatos e práticas (roupas, técnicas de trabalho, alimentação, religião, língua, escrita, os utensílios, a moradia, arquitetura etc.) que possibilitariam caracterizar determinado arranjo sócio paisagístico, viabilizando certa identidade regional passível de ser mapeada.

A partir da identificação e caracterização de determinado povo com um território devidamente delimitado e mensurado, tornava-se viável organiza-lo ao redor de uma estrutura jurídico-política caracterizada como Estado-Nação, a qual, em nome dos processos civilizatórios e desenvolvimentistas, implementava determinadas práticas de controle social e de administração territorial comuns a todos os povos articulados por esse modelo implementado.

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica. (CLAVAL, 2002, p. 20).

Com isso, a Geografia Cultural trabalha junto a cultura, na maneira de observar e analisar as suas implicações no espaço e no território.

Os estudos culturais tiveram grande importância exatamente por contribuir para a elaboração dessas identidades territoriais e por definirem um projeto evolutivo-desenvolvimentista dessas nações a partir dos referenciais econômicos e culturais das chamadas nações mais civilizadas.

A geografia cultural compara a distribuição variável das áreas culturais com a distribuição de outros aspectos da superfície da Terra, visando a identificar aspectos ambientais característicos de uma determinada cultura e, se possível, descobrir que papel a ação humana desempenha ou desempenhou na criação e manutenção de determinados aspectos geográficos (Wagner e Mikesell, 2003, p. 27-26)

A partir do século XX, a abordagem de estudo espacial na geografia, vem trabalhando temas como: paisagem cultural, áreas culturais, história da cultura no espaço, ecologia cultural e gêneros de vida.

Logo, em um primeiro momento a cultura constitui-se um termo dotado de diversos significados, sendo bastante empregado no senso comum. No âmbito das ciências sociais a discussão é ampla e os debates em torno do conceito são numerosos. A este respeito consulta-se, entre outros, as coletâneas organizadas por Bohannan e Glazer (1973) e Moore (1997), nas quais o conceito de cultura é discutido por cientistas sociais de diversas matrizes. Hoefle (1998), por sua vez, apresenta um quadro no qual a cultura pode ser entendida segundo três eixos. No primeiro a cultura é vista numa perspectiva abrangente ou restrita, abarcando, respectivamente inúmeros fenômenos (crenças, hábitos, conhecimentos, linguagem, arte, etc.) ou limitada aos significados construídos a respeito das diferentes esferas da vida. No segundo eixo a cultura é vista de acordo com o papel que desempenha na sociedade. No terceiro eixo, finalmente, a cultura é considerada em relação ao processo de mudança. Evolução linear, comum a todos os grupos, evolução própria, específica para cada grupo ou impossibilidade de se realizar estudos que não sejam sincrônicos.

Outro viés a ser consultado, mas referente a ciência Geográfica, são os escritos de Claval (1999) onde a geografia cultural tem suas origens por volta de 1890, no âmbito da própria formação da geografia, no bojo da qual debatia-se, particularmente na Alemanha, os caminhos a serem seguidos, visando estabelecer a identidade da geografia. Entre 1890 e 1940 Claval identifica a primeira fase da geografia cultural. Caracteriza-se na Alemanha, na França e, após 1925 nos Estados Unidos, por privilegiar a paisagem cultural e os gêneros de vida, resultantes das relações entre sociedade e natureza. Estes temas desdobravam-se em outros como as regiões culturais, a ecologia cultural ou o papel do homem destruindo a natureza, a difusão cultural e outros associados, via de regra, à dimensão material da cultura.

O segundo período estendesse de 1940 a 1970, segundo o próprio autor, trata-se do período de retração da geografia cultural, colocada em segundo plano face à força da geografia regional hartshorniana, em um primeiro momento, entre 1940 e 1955, e à revolução teórico quantitativa no segundo, entre 1955 e 1970. A 2ª Guerra Mundial e a retomada da expansão capitalista alterando a organização do espaço, levou à valorização de estudos com perspectivas pragmáticas, voltados para as transformações em curso e esperadas. A preferência mudou dos estudos sobre paisagens culturais, habitat rural, sistemas agrícolas e difusão cultural para estudos sobre lógicas locacionais e estudos urbanos, entre outros. O trabalho de campo foi em grande parte substituído pelas inferências estatísticas. Mas a geografia cultural prosseguiu.

A partir de 1970 a geografia cultural passa por uma profunda reformulação, como sempre com base em jovens geógrafos. A década de 1970 foi, em realidade, uma arena de embates epistemológicos, teóricos e metodológicos, no âmbito dos quais emergem uma geografia crítica e diferentes sub-campos que, nos anos 80 iriam confluir, em parte, para gerar a denominada geografia cultural renovada. A década de 1980 vê configurar-se esta nova versão da geografia cultural. Na década seguinte surgem periódicos especializados, *Géographie et Cultures*, na França, criado por Paul Claval em 1992. A criação posterior do *Social and Cultural Geography* veio ampliar as possibilidades de publicar textos em geografia cultural.

No Brasil a geografia cultural ganha existência a partir de 1993, com a criação do NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura) do Departamento de Geografia da UERJ, que edita o periódico *Espaço e Cultura*, a publicação eletrônica *Textos NEPEC* e a coleção de livros *Geografia Cultural* (ressaltamos aqui o Livro *Paisagem, Imaginário e Espaço* de 2001 dos Organizadores: Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa, que abriu um leque de discussão para este artigo).

As paisagens e seus significados constituem o foco da atenção do geógrafo cultural. Pois a produção e reprodução da vida material é mediada na consciência e sustentada pela produção simbólica – língua, gestos, costumes, rituais, artes, a concepção da paisagem, etc. De acordo com Cosgrove (2003, p. 103), “toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação”. Os símbolos constituem traços fundamentais do ser humano. “Todo comportamento humano é comportamento simbólico, todo comportamento simbólico é

comportamento humano”, argumenta White (1973, p. 335). O homem vive em uma floresta de símbolos socialmente criados, que expressam significados associados às diversas esferas da vida, como aponta, entre outros, Salomon (1955).

O conceito de paisagens, que segundo Santos (2002, p. 103) a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. Logo, tanto paisagem, quanto seus significados se tornam um foco de estudo, pois, como citado por Santos, estas são resultados das relações sociais do homem, e dado o momento de sua modificação, traz consigo, um leque de significados, adjuntos as suas simbologias.

A lógica da manifestação cultural atualmente está intrinsecamente relacionada com a Inter dinâmica escalar do espaço, entre o local e o mundial. A cultura hoje é mais do que utensílios e práticas temporalmente consolidadas, ela é também relações de valorização subjetivas de identidade e significação que se manifestam objetivamente ou simbolicamente no espaço, tanto na concretude dos territórios quanto no imaginário social de cada indivíduo. Cobra-se do estudo geográfico dos fenômenos culturais um enfoque da dinâmica espacial da sociedade em interação íntima com os aspectos individuais e coletivos no estabelecimento de significação social, tanto em seus determinantes econômicos quanto simbólicos.

1.1.1 A Geografia Cultural brasileira.

No Brasil, a geografia cultural teve desenvolvimento tardio. Apesar da geografia acadêmica brasileira ter sido criada em 1934, sendo implementada no curso de Geografia e História na Universidade de São Paulo (USP), necessitou-se de sessenta anos para que a geografia cultural fosse reconhecida.

Esse desenvolvimento tardio da geografia cultural no Brasil tem várias razões, no qual Corrêa e Rosendahl apontam em seu livro *Geografia Cultural uma Antologia* (2012). Destacasse como mais intensa a combinação de uma excessiva influência da corrente Vidaliana de geografia com a precária apropriação dessa mesma corrente por parte dos geógrafos brasileiros. Segundo Corrêa e Rosendahl (2012), a geografia Vidaliana pode ser mais bem definida como geografia regional, na qual a cultura,

entendida em sentido amplo, constitui-se em mais um componente das complexas relações sociedade-natureza que caracterizava as regiões francesas e ultramarinas.

A precária apropriação, com poucos recursos e amplo e desconhecido território por parte da primeira geração de geógrafos brasileiros gerou abordagens de pesquisa entre as relações sociedades-natureza privilegiando aspectos relativos ao povoamento, sistemas agrícolas e o urbano.

Em 1993 foi criado por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaços e Cultura (NEPEC), trata-se de um pequeno porém importante núcleo de pesquisa sobre as relações espaço e cultura. Suas pesquisas são direcionadas em três direções: relações entre espaço e religião, espaço e simbolismo e cultura popular.

Em 1995 foi criado pelo NEPEC o periódico *Espaço e Cultura* que deveria ser um instrumento de divulgação da produção do NEPEC, e em 1996, aparece a coleção de livros intitulada *Geografia Cultural*, que tem uma divulgação mais ampla que o periódico. Trabalhos completos de geógrafos brasileiros e coletâneas de textos publicados de simpósios organizado pelo NEPEC são publicados na coleção.

É importante frisar a existência de focos independentes como a dissertação de mestrado de Werther Holzer (1992) na UFRJ, sob a orientação de Maurício de Almeida Abreu, seria foco autônomo, mas Holzer tornou-se participante dos simpósios organizados pelo NEPEC. Universidades públicas com programas de pós graduação como em Uberlândia, Curitiba e Recife, e outras Universidades no Rio de Janeiro.

A produção brasileira em Geografia Cultural teve continuo crescimento a partir da década de 1990, onde seis simpósios foram organizados pelo NEPEC, nos quais dois internacionais. Essa produção necessita de uma avaliação mais perfeioada por conta da diversidade teórica, metodológica e temática. A abordagem cultural em Geografia no Brasil vai prosseguir nos anos 2000 com a criação do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER)

Os geógrafos culturais brasileiros se interessam por Paisagem Cultural, religião, símbolos, etnias, espaço geográfico, festas, percepção, os geógrafos também se interessam por literatura ou cinema que podem contribuir para a compreensão da cultura brasileira e são abordados e publicados na Revista *Espaço e Cultura*.

A estratégia adotada pelos organizadores da coleção *Geografia Cultural* e pelos editores do periódico *Espaço e Cultura*, foi a tradução de importantes trabalhos publicados em línguas estrangeiras, para divulgar textos básicos e viabilizar bases teóricas. Assim, foram traduzidos textos de Cauer Sauer, Philip Wagner, Marvin Mikesell, Donald Meining e Daniel Gade, Denis Cosgrove, Peter Jackson, James Duncan e Don Mitchell, Max Sorre, Jean Gallais, Joel Bonnemaïson e Paul Claval, Paul Fickeler, Carl Troll, Marc Brosseau.

Pode-se afirmar que a geografia cultural brasileira está em continua expansão, com cada vez mais pesquisadores desenvolvendo trabalhos que busca compreender como a cultura transforma e modifica o espaço geográfico e quais as implicações da cultura na vida e no cotidiano de determinados grupos sociais.

2 CAPÍTULO 2

2.1 A IMPORTÂNCIA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO.

A chegada de tantos grupos sociais ao Brasil, trazendo inúmeras riquezas culturais, formaram o povo brasileiro. Na comida, dança, na música, nas festas e tradições populares podemos perceber a presença das culturas estrangeiras incorporadas à brasileira.

Em um país como o nosso, com uma grande população e um vasto território, a cultura tende a ser rica e ampla. Podemos considerar uma nação privilegiada culturalmente. Segundo Corrêa e Rosendahl (2003) A heterogeneidade cultural brasileira, fruto de longos, complexos e espacialmente diferenciados processos envolvendo sociedade e natureza, faz do Brasil excelente campo para estudos de geografia cultural.

Para Corrêa (2003) a paisagem cultural centralizava o interesse pela cultura a partir do fato de ela ser entendida como resultado da ação humana alterando a paisagem. Na realidade, toda ação do homem na natureza produz cultura, já que se tem uma relação com o lugar. Claval (1999) diz que, o gênero de vida, o resultado das complexas relações envolvendo um dado grupo social e a natureza, concebido como expressão e condição social, constitui-se em outro foco central do interesse dos geógrafos interessados em compreender a diversidade espacial. Então, a Geografia Cultural é de grande importância na compreensão do espaço geográfico pela identificação de valores ou simplesmente pela tradição, fatores predominantes como hábitos culturais.

Cada homem tem sua visão do mundo, seu modo de julgar e entender as coisas que está ao seu redor, consultar cultura não é uma tarefa fácil, cada indivíduo apresenta uma forma de definição da cultura. Segundo Rosendahl e Corrêa (2001) “para o olhar comum do homem e da mulher uma paisagem pode representar beleza, repulsa ou indiferença. Essas concepções surgem de acordo com os significados que conferem os pontos específicos dos lugares com que tem contato, bem como de suas experiências no espaço de entorno”. A Geografia Cultural se focaliza em interpretar as diferentes representações entre os grupos sociais que construíram a partir de suas próprias experiências e práticas.

No espaço geográfico a geografia cultural se interessa em mostrar as relações com a natureza, a distância dos lugares e grupos sociais. Levando em consideração a efetividade ao espaço vivido, isso se dá ao âmbito no qual se estabelecem práticas, percepções, onde se depara com significados distintos, segundo cada grupo cultural, face à natureza e ao espaço social.

As paisagens que estão ao seu redor apresentam significações (culturais, sociais, políticas e econômicas). Segundo Claval (1999) identidades compartilhadas de um determinado local podem ser influenciadas por construções que possuem elementos religiosos, como uma igreja, também outros tipos de monumentos e até mesmo com o estilo da arquitetura. Algumas surgem espontaneamente, da relação cultural entre as pessoas e a natureza e outras podem ser influenciadas e criadas com um propósito específico (relações sociais, políticas e econômicas dos lugares).

Sauer (1925) diz que o desenvolvimento da geografia cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente. Para isso, precisa partir de uma descrição das características do espaço geográfico para chegar, na análise da gênese de determinada cultura, visto que muitos costumes, hábitos, tradições etc. Sofreram influências mesmo que parcial em sua originalidade, mas mantendo especificidades que identificam traços tradicionais de sua origem.

Pode-se então, dizer que se tem uma forma de troca de valores entre duas culturas diferentes, podendo ser entendida como circularidade cultural, ocorrendo transformações sociais de diferentes significações, fazendo com que haja uma troca de conhecimento e de relações de convívio. A geografia cultural proporciona subsídios para a compreensão da sociedade como sua organização, seus processos de produção, focando-se na descrição e análise da variedade dos fenômenos culturais.

A circularidade cultural vem como uma ferramenta de análise das realidades históricas similares, contudo, são constituídas de uma forma ou de outra por diferenças culturais, e com isso se tem uma tramitação de elementos culturais comuns presentes em ambientes diferentes. Com o advento da globalização diferentes culturas, costumes e tradições tendem a estar mais próximas.

A globalização causa trocas crescentes de significados, imagens e símbolos através dos meios de comunicação. Com isso, culturas diversificadas são capazes de fornecer novos elementos em contatos com outras culturas.

Arjun Appaduri (1990) destaca que a globalização não está promovendo uma homogeneização cultural, mas apenas “envolve o uso de uma variedade de instrumentos que são absorvidos na economia e culturas locais sem serem repatriados”. Então, pode-se afirmar que apesar de culturas utilizarem meios de homogeneização, não significa que as absorvam por completo ao ponto de repetir os elementos, esquecendo da sua cultura. Como diz Geertz (1978), as trocas não são capazes de tornar culturas distintas em culturas idênticas.

Roland Robertson (2002) diz que o que ocorre nos dias de hoje não são processos de ocidentalização, americanização ou imperialismo cultural, mas sim a compressão temporal espacial do mundo como um todo, que reflete a chamada mundialização da cultura. Sendo assim, Robertson afirma o surgimento de uma cultura global. Pois, não existe um país que não influencie na cultura do outro.

Essa cultura global é formada pela integração de pessoas de vários locais, trocando informação, costumes e vivenciando outras culturas, formando uma rede de conhecimento ao manter o contato com especificidades diferentes. Mas esse fluxo de culturas não implica necessariamente a perda de cultura ou em formações de homogeneização, ou seja, apesar de haver relações de trocas em contatos com outras culturas, ainda se tem particularidades que lembram traços tradicionais.

No Brasil, existem inúmeras manifestações culturais que por longos anos conquistaram e conquistam o público com seus diferentes traços, costumes e níveis de emotividade, que trazem a atualidade a inspiração de grande parte dos festejos populares. Com toda essa diversidade cultural, acompanhada de meios de comunicação que multiplicam as formas de divulgação, acabam interferindo e sofrendo interferência de outras culturas populares, que apesar de pequenas, interferem até certo ponto no modo de se manifestar.

Ao observar, pesquisar e entrevistar organizadores, brincantes e torcedores do festival de quadrilhas de Faro- Pá, levantou-se questionamento enquanto influências externas sobre os traços que reinventaram o modo de apresentação e estética das quadrilhas que disputam o festival. A grande maioria dos entrevistados,

acredita que não se teve influências de outras culturas. Mas, sim uma adaptação das apresentações, como diz a organizadora da quadrilha Morumbi no Arraiá, Valciclea Barbosa Ferreira.

“A festividade apenas se adaptou aos novos tempos, unindo a festa religiosa com a atualizada, gerando a reinvenção da Tradição” (VALCICLEA, 2018).

As mudanças que ocorreram nas características das quadrilhas Juninas de Faro-Pá, podem ser a partir da intervenção de variáveis econômicas, sociais, culturais ou mesmo político e que, constantemente, passam por processos de recriações e atualizações; como destaca Paul Claval (1999), a cultura, como herança transmitida, pode ter sua origem em um passado longínquo, porém não se constitui em um sistema fechado, imutável de técnicas e comportamentos. O festival da cidade de Faro-Pá ficou conhecido, chamando a atenção de outras cidades que realizam algum tipo de festival folclórico, pelo o espetáculo diferenciado do tradicional caipira.

Várias tentativas de explicação para essas mudanças que continuam ocorrendo. Dentro de uma outra perspectiva, segmentos diversos percebem que as transformações registradas nas atuais apresentações das quadrilhas, promoveram a própria reinvenção da cultura popular, como forma de estratégia adotada para se destacar entre as quadrilhas adversárias.

Então, direcionam-se suas vocações e potencialidades culturais, econômicas e turísticas apoiadas nas festas dos santos do mês de Junho, enquanto possibilidades para o desenvolvimento e a própria sustentabilidade local. Com isso, as quadrilhas estão cada vez mais ocupando novos cenários e novas formas de apresentação. Muitos torcedores e moradores que foram os primeiros brincantes das quadrilhas em suas fundações, apoiam a ideia de preservação e tradição da cultura popular típico das festas de São João. Porém, organizadores e brincantes buscam apresentar novas ideias de apresentação, voltados por mostrar elementos que chama atenção dos jurados, e de destaque para a se ganhar a nota máxima em cada item julgado na disputa. Segundo Barreto (2005) percebem nas transformações do folclore brasileiro

uma possibilidade de repensar essa expressão do ponto de vista conceitual e de novos valores incorporados pela própria dinâmica cultural da sociedade.

O Folclore não pode continuar sendo visto, então, como a cultura dos pobres ou de pobres, identificado por características que fossilizam a existência dos povos, prendendo-os, inapelavelmente, ao passado, sem o espaço local e sem os suportes de sua validade. Os repertórios são, já, universais, o que é preciso universalizar é a condição humana do criador e/ou do portador, hospedeiro e transmissor, com seu grupo, de uma cultura atemporal, na relação biunívoca, na qual um não inibe o outro, um não prescinde o outro, na compatibilidade das aspirações e das potencialidades dos povos. (Barreto,2005, p.102)

As festas populares em suas várias características e manifestações, estão acompanhando, portanto, as mudanças e transformações registradas na contemporaneidade. Nesse contexto, as Quadrilhas Juninas cada vez mais ocupam novos cenários, novas formas de apresentação e de reinvenção no atual contexto da sociedade. Estratégias inovadoras estão sendo implementadas para que essa manifestação cultural seja reinventada.

Para isso, a cultura está assentada no espaço geográfico, pois é provável a ligação de o compartilhamento entre pessoas de área comum. Segundo Wagner (1960) uma cultura passa a se difundir quando os que a compartilham se deslocam, ou quando sua correspondente esfera de comunicação, e os símbolos aí incluídos, prevalecem sobre os de outras culturas em novos territórios. Isso pode ser percebido quando a língua, como meio essencial da comunicação humana é um, é obviamente um componente crucial de qualquer cultura. Com isso,

A influência exata da língua sobre a cultura tem sido estimada, mas nunca estabelecida claramente. Seja como for, a língua, por sua vez, é fortemente afetada por outros aspectos de cultura. Quaisquer que possam ser estas inter-relações, a linguagem de uma comunidade é uma de suas características distintivas. Uma cultura pode, certamente, abranger ou sobrepor diversos grupos linguísticos diferentes, desde que seja mantida algum tipo de equivalência entre os sistemas simbólicos coexistentes; da mesma forma, um grupo linguístico pode ser dividido entre diversas culturas diferentes. (WAGNER, 1960, p. 29)

Portanto, apesar de uma cultura sofrer influência de outra cultura próxima, fazendo com que afete seus traços tradicionais, ainda assim mantem características próprias, como símbolos, costumes e relações.

As quadrilhas juninas, estão inseridas no “universo” da cultura popular. Essas festas ditas “populares” adotaram estratégias de sobrevivência na modernidade, inclusive utilizando-se dela para se fortalecer. Não podemos afirmar que as festas tradicionais permaneceram intactas mesmo com a modernidade da sociedade, pois houve adaptações e com isso, algumas características apareceram e outras sumiram. É importante enfatizar que essas adaptações são impulsionadas tanto pelos agentes populares, quanto pelo contexto moderno.

Em questão de identidade, onde estão sempre sofrendo alguma alteração, SANTOS (1994), historiador e sociólogo, afirma que “as identidades culturais, hoje em dia, não são assim tão rígidas ou imutáveis; são resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação” (SANTOS, 1994, p. 31); neste sentido, nossa identidade cultural é passível de mudança conforme as influências externas.

Retomamos ao conceito de circularidade cultural que implica dizer, que a cada contato com fragmentos de outras culturas, o indivíduo interpreta para sua realidade, elementos capturados da cultura do outro e os toma para si, dando vida a tais identidades. A Festa Junina se encaixa perfeitamente neste contexto, pois é uma representação que nasceu em decorrência da fragmentação de outras culturas, sendo assim, um elemento cultural a ser analisado.

2.1.1 Circularidade Cultural

A circularidade da cultura ocorre de diferentes formas e por instrumentos diversos. Ligações entre sociedades são construídas de forma que haja uma tramitação de elementos culturais, dessa forma, acaba intensificando relações de diferentes culturas, costumes e tradições que se adaptam em algo que não existia em sua realidade.

Carlos Ginzburg em seu livro *O queijo e os vermes (1987)*, fala sobre influências culturais entre classes dominante e classes subalternas em processo de transmissão de ideias e crenças:

Com muita frequência ideias ou crenças originais são consideradas, por definição, produto das classes superiores, e sua difusão entre classes subalternas um fato mecânico de escasso ou mesmo de nenhum interesse; como se não bastasse, enfatizar-se presunçosamente a “deterioração”, a “deformação”, que tais ideias ou crenças sofreram durante o processo de transmissão (Ginzburg, 1987, p. 17).

Isso significa que apesar de haver uma tramitação de elementos culturais, não garante que seja repassado de forma original, por existirem filtros que impedem e deformam ideias originais entre as classes. Isso pode ser dado por conta da desvantagem que classe dita “subalterna” tem por sua cultura ser predominantemente oral, dificultando na compreensão, pois historiadores em sua maioria da classe dominante impõem a cultura dominante em sua escrita.

Contudo, acaba dificultando a forma de estudar uma cultura que não foi produzida, mas sim imposta por outra. Haja visto que, estudar cultura é preciso explicar seu estilo predominante ideológico, comportamento, ideias, símbolos e práticas passadas de geração em geração.

A cultura tem como principal característica a adaptação, por consistir na capacidade que os indivíduos respondem ao meio de acordo com mudanças de hábitos. A cultura também é cumulativa, pois as modificações trazidas em outras gerações são passadas para às gerações seguintes e logo vão se transformando, perdendo e incorporando outros aspectos.

No caso da Cultura Popular, é algo determinado pelo povo, sendo que os mesmos fazem parte nessa criação. A cultura popular em contato entre indivíduos de regiões diferentes recebe influências na literatura, música, arte, dança e no modo de viver imposta pelo que Carlos Ginzburg chama de classes “superiores”.

Com isso, acaba acontecendo a circularidade cultural associando com às diferenças culturais no sentido de apropriação e transformação social. Cujas uma pessoa diferente como sendo da classe dominante, tendo sua cultura pertencente, procura conhecer e se apropriar da cultura de outro indivíduo no caso classe inferior que é diferente de sua.

Então, a circularidade cultural é quando um indivíduo que vive em um país como o Brasil por exemplo, com uma grande diversidade cultural, que saí de sua realidade para o mesmo conhecer outra cultura, possibilita a troca de conhecimento de duas pessoas diferentes, havendo uma tramitação mutualmente de forma circular, surgindo a circularidade cultural.

A circularidade cultural só pode ser visada quando ambas culturas “superior” e “inferior” sofrem fragmentação em ralações de convívio. A fragmentação do convívio direto deve ser dada no dia-a-dia, na socialização entre as duas culturas, ocorrendo o interesse pelo outro. Além disso, pode haver uma discussão entre uma cultura e outra, no sentido de ambas podem ser associadas a alguma característica de sua própria cultura similar à outra, mas não igual.

Sendo assim, o processo de circularidade da cultura faz com que os vários aspectos inerentes a uma determinada manifestação cultural possam ser apropriados e resinificados por outros grupos sociais. Fazendo com que essa cultura se transforme e se adapte a diversas realidades. Foi o que aconteceu com o festival de quadrilhas de Faro-Pá, que passou por várias transformações ao longo do tempo, e absorveu e se apropriou de vários elementos (roupas, indumentárias, danças e músicas) de outras manifestações culturais como o boi bumbá e a ciranda, por exemplo. Porém esses aspectos não foram copiados integralmente e sim resinificados, criando assim, formas diferentes de expressão da cultura popular manifestados no festival de quadrilhas de Faro-Pá.

3 CAPÍTULO 3

3.1 O MUNICÍPIO DE FARO/PA: CARACTERÍSTICAS DO SEU ESPAÇO GEOGRÁFICO

O Município de Faro teve sua origem na aldeia dos índios Jamundás que, à época era acompanhada pelos missionários da congregação Capuchos da Piedade e ficava situada logo abaixo da confluência do rio Paratucu com Nhamundá. Em virtude desse local não possuir condições favoráveis ao desenvolvimento do povoado e, ainda, pela dificuldade de adaptação dos padres Capuchinos ao local, a missão foi transferida para a margem do lago, colocando-a sob a proteção de “São João Batista”, padroeiro do Município. Sendo-lhe dado o nome de aldeias dos Jamundás, chamada também Nhamundá. Marca, portanto, o dia 27 de dezembro de 1769 a data da instalação do município de Faro. (Fonte: IBGE)

Em 1771 o senado da câmara foi constituído pelo juiz ordinário Sebastião Francisco Pereira, e, vereadores, Lourenço Nunes Pereira, Amaro Pereira da Silva e Simeão Lopes. Como a vila passou Faro para a independência.

A primeira câmara municipal eleita e empossada segundo a lei de 1828 que organizou os municípios do império, juramentou-se a 30 de maio de 1829, para o período de 1829 a 1832, com os seguintes cidadãos: Francisco da Costa Tavares, Presidente; e, Vereadores Libório Antonio de Menezes, Felipe Tiago Tavares, Miguel Antonio da Silva, Vitorino Pereira Marques e João Antonio de Souza. (Fonte: IBGE)

Faro sofreu enormemente com as ocorrências da cabanagem, havendo sido vítima de bandidos que infestaram o interior da província. Em sessão extraordinária de 27 de março de 1836, a sua câmara reconheceu a autoridade de Eduardo Francisco Nogueira Angelin.

Faro foi elevado a comarca pela Lei nº 29, de 30 de Julho de 1892, sendo está instalada em 24 de dezembro seguinte, ficando, pela portaria de 06 de fevereiro do ano seguinte dividida em duas circunscrições, elevadas a três pelo Decreto nº 161, de 20 de dezembro de 1895.

Em reunião solene do Conselho municipal, realizada a 16 de agosto de 1899, o intendente Antonio Leandro da Costa, e os Vogais, Silvestre Fernandes dos Reis, Militão José Paulain, Francisco Antonio da Costa e Benedito Henrique Pereira protestaram contra a invasão do município de Faro pelas autoridades amazonenses,

sem aviso algum do governo do Pará, introduzindo a desordem e a anarquia em território pacificamente jurisdicionado pelo Pará e por paraenses, ocupado antes de 1750.

A ocupação das terras pelos amazonenses perdura até hoje sob a denominação de Contestado. De acordo com o quadro de divisão territorial datados de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, e o anexo ao Decreto-lei estadual nº 2.972, de 31 de março de 1938, o município de Faro compõe-se de dois distritos: Faro e Terra Santa.

Observa-se o mesmo nas divisões vigentes nos quinquênios 1939 – 1943 e 1944 – 1948, fixadas, a primeira pelo Decreto-lei estadual nº 3.131, de 31 de outubro de 1938, e a segunda pelo Decreto-lei estadual nº 4.505, de 30 de dezembro de 1943.

Esta legislatura foi constituída em 1955, tendo sido eleito Prefeito Municipal o senhor Wladimir Costa Rossi e constituída a câmara municipal de 07 vereadores. Em 1991, pela Lei nº 5.699, de 13/12/91, o Município de Faro teve parte de seu patrimônio territorial desmembrado para a criação do município de Terra Santa. Atualmente, é formado apenas pelo distrito-sede de Faro, nome de origem portuguesa dado pelos capuchos da Piedade à aldeia dos índios Jamundás.

Segundo dados do IBGE (2017), a população no último censo é de 8177 pessoas. Comparando a outros municípios no país, ocupa a posição 3337º de 5570º. No Estado 132º de 144º. Sua densidade demográfica é 0.69 hab/km² que comparando com outros municípios no país, ocupa 5518º de 5570º e no Estado 137º de 144º.

Em 2016, o salário médio mensal era de 1.5 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 7.8%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 128 de 144 e 45 de 144, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 4645 de 5570 e 3867 de 5570, respectivamente.

3.1.1 O Festival de Quadrilhas de Faro-Pará

Para fundamentar o presente texto foi realizado uma pesquisa de caráter qualitativo, no qual, buscou-se fazer uma análise com base na inserção do

pesquisador na área de pesquisa. É exploratória como descreve Gil (2010) que proporciona ao pesquisador o aumento do seu conhecimento, uma familiaridade perante o questionamento do problema que neste contexto seria saber os elementos que influenciaram nas mudanças e de que forma afetaram as características culturais da cidade de Faro.

A principal estratégia utilizada para a inserção no campo foi pelo envolvimento, enquanto participante de quadrilha junina. Apesar das dificuldades encontradas em relação a documentos históricos do festival por conta de não estar arquivado na secretária de cultura, que a pesquisa exige em determinados momentos, ajudou no direcionamento do trabalho para uma investigação de cunho mais qualitativo.

A investigação, contudo, teve seu foco em buscar analisar e compreender através dos participantes das quadrilhas da cidade de Faro-Pá as principais transformações culturais no festival. Esta busca, foi sendo construída ao longo da relação estabelecida entre pesquisador e as demais pessoas do campo.

O método de procedimento utilizado foi o fenomenológico, por compreender o fenômeno a partir de suas múltiplas interpretações, proporcionando ao pesquisador um estudo de como ocorreu as manifestações das quadrilhas através do tempo e suas transformações.

A seleção dos sujeitos da pesquisa foi pela experiência e o envolvimento com o festival, por conta de uma melhor contribuição na análise das transformações que as quadrilhas passaram ao longo dos anos e de como afetaram as características culturais da cidade, com isso, foi delimitado o objeto de estudo nas duas quadrilhas mais antigas das quatro que fazem parte da disputa do festival, para que tenha um melhor levantamento histórico.

Os dados foram coletados através de entrevistas, pois a técnica da história oral ajuda na coleta de dados, fazendo posteriormente a análise do discurso dos informantes, e a transcrição das entrevistas. Sendo embasado por referencial teórico e fotos, onde foi organização por categorias procurando situar o objeto de estudo, por meio da descrição do que foi observado e coletado nas entrevistas, referente as transformações dos grupos de quadrilhas e do festival.

Conforme depoimentos dos brincantes mais antigos, a festa teve início nos primeiros anos da década de 1990, e se localizava na praça do padroeiro São João Batista no município de Faro-Pá. As quadrilhas juninas mais antigas do festival surgiram no início da década de 1990, composta por jovens do centro da cidade (quadrilha Foliões da Madrugada) e por jovens da comunidade de nossa senhora de Nazaré do bairro da Campina que deu nome à quadrilha Campinense no Arraiá.

Com o objetivo de se apresentarem nas noites das festividades do padroeiro da cidade, local onde mostra a figura 1, começaram a se organizarem a cada ano no intuito da grande rivalidade que existia entre o Centro e o bairro da Campina, logo, deu início a uma pequena disputa no arraial de São João Batista, onde incentivou novos grupos de quadrilhas como: Forrozando, America, Unidos do Porto de Cima, Morumbi no Arraiá e Brasileirinha.



Figura 1 - Local onde as quadrilhas se apresentavam.

Fonte: Trabalho de campo, 2018. (Foto: Mileno Dantas)

Partindo da pesquisa sobre a realidade dos grupos de quadrilhas juninas existentes da cidade de Faro-Pá, especificamente das quadrilhas “Campinense no Arraiá” e “Foliões da Madrugada”, podemos observar variedades de elementos que nos levam a refletir sobre uma reinterpretação da dança enquanto manifestação da cultura popular por uma dança “profissionalizada”.

Durante o período de desenvolvimento da pesquisa, constatou-se que as quadrilhas da cidade de Faro, procuram apropriar em sua manifestação cultural, apoio econômico e de políticas públicas, inclusive para a realização da festa. Conforme Mira (2006, p. 355), em relação a essa realidade envolvendo grupos da cultura popular nos últimos anos

[...] as disputas em torno do “popular” ou do “folclórico” parecem deslocar-se, em grande parte, da esfera do debate político e da ocupação de um espaço no aparelho estatal para a esfera econômica, incluindo a disputa por verbas públicas, palco de uma luta feroz pela sobrevivência (MIRA, 2006, p.355).

Dentro desse contexto citado por Mira, o principal evento ligado à exposição do trabalho desenvolvido pelas quadrilhas é o festival, onde os grupos disputam entre si por premiações em dinheiro.

Essa realidade competitiva, faz com que os grupos de quadrilhas precisem de muitos recursos para levarem todo o trabalho planejado para suas apresentações, isso obriga as quadrilhas a buscarem estratégias para levantar o dinheiro necessário como: bingos que são feitos pelo menos três vezes ao mês, Arraial de rua com vendas de guloseimas e bebidas, rifas, patrocínios com comerciantes locais e simpatizantes, torneios de futsal entre os brincantes das quatro quadrilhas e festas dançantes em sedes. Além de um incentivo disponibilizado pela prefeitura da cidade. É isso, dentre outros motivos, que faz com que os grupos tenham que começar suas atividades com bastante antecedência.

Quando se fala em quadrilha junina o entendimento mais geral que se tem sempre gira em torno de uma imagem associada a uma dança que, apesar de marcada, pode ser dançada por qualquer pessoa, por sua simplicidade. Também tem quem pense que basta um grupo de casais com roupas caipiras para a quadrilha acontecer. Porém, essa é uma ideia generalizada.



Figura 2 - Mostra a indumentária da quadrilha Campinense.
Fonte: trabalho de campo, 2018. (Foto: Elgles Mileno)

Na figura 2 mostra que as quadrilhas de Faro não se apresentam de maneira caipira, pois suas indumentárias são trabalhadas com pedrarias e tecidos luxuosos, com rendas que chagam a custar R\$ 80,00 o metro, isso descarta a visão generalizada da maneira de pensar quadrilha junina, associando-a com caipira.

Pelo tamanho da complexidade do meio das quadrilhas nem sempre são como a maioria das pessoas conhece. Mas é compreensível, por considerar a existência da imagem oficial e generalizada da quadrilha junina. Todas as vezes que pessoas de outros lugares mostraram interesse em conhecer o festival de quadrilha de Faro, sempre ficaram admiradas ao ver de que forma as coisas se organizavam e aconteciam. Como pode ser visto na fala da Lorena Fonseca (19 anos) da cidade de Parintins-Am e que foi conhecer o festival pela primeira vez.

“Eu sempre imaginei que fosse igual de Parintins, bem caipira, da mesma forma que tem todos os anos. Nunca pensei que na de Faro tivesse Rainha, Porta Estandarte, com alegorias e portal. Logo que fui pela primeira vez me encantei pela festa e logo, pela quadrilha Verde e Rosa (Campinense), e gostaria de vim todos os anos”. (Lorena, 19 anos, 2018).

Também foi perguntado para Sara Alice da cidade de Nhamundá-Am. O que você achou das quadrilhas juninas de Faro-Pá?

“Eu achei muito lindo, organizado, os brincantes dançavam de uma forma que demonstravam amor pela sua quadrilha. Fora as roupas que são lindas. Às de Nhamundá são sem comparação com de Faro né! ”. (Sara Alice, 21 anos, 2018).

As quadrilhas juninas de Faro-Pá, são destaques no Município e nas cidades vizinhas onde conquistaram e conquistam torcedores e simpatizantes, graças ao espetáculo que alcançaram em suas apresentações no festival folclórico e apresentações fora da cidade.

São quatro quadrilhas que enchem os olhos com verdadeiros espetáculos em suas apresentações, desfilando suas coreografias incansavelmente ensaiadas, seus figurinos meticulosamente confeccionados e a evidente alegria dos brincantes de todas as quadrilhas do evento Tradicional que cresce a cada ano, aumentando a disputa pelo título entre as quatro agremiações (Campinense no Arraiá, Foliões da Madrugada, Unidos do Porto de Cima e Morumbi no Arraiá), onde ambas representam os bairros dos quatros cantos da cidade de Faro, assim, aumenta também a rivalidade e as pessoas dos bairros se unem em prol da sua agremiação para apresentar o melhor espetáculo possível.

Pelo grande público que as quadrilhas juninas atraem, o festival tornou-se pela sua qualidade, um dos principais eventos do calendário cultural de Faro. Com o festival, a Secretária de Cultura objetiva restaurar e preservar o folclórico e a cultura do município.

São dez (10) itens julgados por três (3) jurados que são escolhidos por uma comissão organizadora do festival de quadrilhas da cidade de Faro-Pá: item organização, animação do grupo, indumentária, coreografia, figura típica, porta estandarte, rainha, marcador, apresentador, torcida (galera).

Comparando com grupos de quadrilhas de cidades vizinhas, as quadrilhas de Faro-Pá se destacam nas coreografias, dança e figurinos onde é o que mais se chama atenção em suas apresentações. O brilho, a arte e o luxo das indumentárias são trabalhadas visando chamar a atenção do público e dos jurados que jugam o festival.

Além de envolver dançarinos, torcedores, coordenadores e colaboradores de grupos. Destaca-se uma construção do público que se organiza em torno das quadrilhas, pois compartilham assuntos comuns, que diz respeito ao grupo de quadrilha de sua preferência, constituindo uma rede social, como cita Barnes (2010, p.175), pode ajudar na

[...] análise e descrição dos processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias”. Essas pessoas formam uma rede de relações interpessoais onde os indivíduos se ligam a partir de interesses, práticas e assuntos específicos: ligados à temática “quadrilha junina (BARNES, 2010, p. 175).

Essa rede social que é constituída pelo público, passa a fazer parte de assuntos mais comentados no facebook¹ e whatsapp, através de grupos que de alguma forma defendem suas quadrilhas de grupos de torcedores rivais.

A internet é o principal meio de debates entre os diferentes grupos de quadrilhas. Através das redes sociais os componentes dividem experiências, se conhecem, discutem questões de interesse comum e até brigam. Todos os grupos de quadrilhas do festival de Faro-Pá têm perfis e/ou comunidades em sites no “Facebook” e “Whatsapp”, que são importantes canais de comunicação e divulgação dos trabalhos realizados pelas quadrilhas da cidade de Faro.

A quadrilha junina, enquanto manifestação de uma cultura popular parece ter reinventado sua prática. A concepção generalizada existente a respeito de sua representação não sustenta mais em sua totalidade. As quadrilhas se profissionalizaram e se tornaram grupos organizados, com diretoria profissionais contratados de outras cidades para montar, dirigir e coordenar os trabalhos, bem como fazer parte da apresentação e ser julgados pelos jurados como o item

¹ Redes sociais muito utilizadas para divulgação de informações hoje em dia.

apresentador que na maioria das quadrilhas são de outros lugares e que defendem um item similar em outros festivais.

COORDENAÇÃO DE QUADRILHA
PRESIDENTE
VICE-PRESIDENTE
FISCAL
TESOUREIRO (A)
COMISSÃO RESPONSÁVEL PARA ENFEITAR FIGURINO
COMISSÃO RESPONSÁVEL DE MATERIAL DE GALERA
COREOGRAFO/ORGANIZADOR

Figura 3 - Coordenação de quadrilha.
Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Ainda na questão generalizada sobre “quadrilha junina” onde associasse a festa junina ao vestuário caipira. As moças com o rosto muito maquiado, tranças e vestidos de chita. Os rapazes vestem camisa, calça e chapéu de palha. Ainda acrescenta-se retalhos às roupas, como se fossem bandeirinhas, ilustrado na figura 4. No entanto, a indumentária tradicional, assim como a dança sofreram grandes transformações nas quadrilhas de Faro-Pá.



Figura 4 - Roupas de chita.
Fonte: Assunção Miranda, 2016. (Foto: Florianete Miranda)

A substituição da chita, pano tradicional de festa junina por tecidos luxuosos, bordados com brilhos e pedrarias (Figura 5), deram o salto nas características da tradicional quadrilha para a quadrilha estilizada, que determina um tema e em cima desse tema define o figurino, coreografia e cenário. Mantém coreografias tradicionais, porém acrescenta passos e músicas que tenham relação com o tema.

A quadrilha estilizada deu toque moderno a manifestações tradicionais, isso por que incluiu novos elementos e passou a contar uma história na apresentação, acabando por chamar mais atenção, fazendo com que as quadrilhas trabalhem por mais tempos suas coreografias e passem investir ainda mais em suas vestimentas, dando uma pegada criativa.



Figura 5 - Indumentária luxuosa com brilhos e pedrarias
Fonte: Blog Amazônia Acontece, 2015. (Foto: Zilton Fioravante)

As quadrilhas juninas precisam propor um tema e, com base nele, montar suas exibições, a história a ser contada que deve durar aproximadamente 60 minutos, isso funciona como um roteiro a ser seguido rigorosamente, levando em consideração cada personagem a ser encenado na apresentação. Portanto, o Tema a ser apresentado torna-se um dos elementos que levaram as mudanças nas quadrilhas de Faro-Pá.

O trabalho artístico das quadrilhas juninas, tem seu ponto de partida a partir da elaboração de uma temática. Mas, junto dela, se insere a “coreografia” adotada pelo grupo. Aliada à temática, constitui o próprio corpo da quadrilha, que fica ao cargo

de um coreografo, que também concorre como o marcador da quadrilha, é desse personagem a responsabilidade de montar a apresentação do grupo.

Os passos ajudam a compor o conjunto coreográfico da quadrilha, assim como a vestimenta e os adereços usados pelo grupo que fazem parte da estrutura do tema, levando em conta determinados fatores, que para a maioria das pessoas é estranho imaginar que dentro de uma quadrilha possa existir tamanha especialização.

Ao contrário da quadrilha tradicional que já foi citado, surge o modelo “estilizado” que não prima por uma estética visual simples. Esse tipo de modelo é algo mais incrementado, que parece significar uma adaptação da tradicional a um modelo mais “atual”, moderno. Com isso, procura-se inserir uma roupagem mais inovadora, da qual é proposta pela quadrilha junina.

As indumentárias passam a ser luxuosas, tanto nos enfeites e nos tecidos mais trabalhados e caros, como no modo de confecção que exige um maior trabalho. Muitas pedrarias, rendas bordadas, cetim comum e cetim bordado com brilho, arranjos de cabeça são alguns dos muitos elementos que compõem a indumentária estilizada. Também as apresentações são cheias de efeitos de luz, cenografia, coreografias com passos onde a sincronia se destaca.

Dentro do movimento profissionalizado das quadrilhas juninas de Faro-Pá, observou-se que passaram por uma fusão de diversos referenciais culturais. Isso se encaixa na expressão e que o mundo se torna cada vez mais difícil falar em uma manifestação cultural única, no sentido de não sofrer intervenção externa.

3.1.2 Espaço da festa

O festival não tem um local próprio para as quadrilhas, e para sua realização se improvisa o ginásio coberto do Morumbi onde as arquibancadas se dividem em quatro partes iguais e dão lugar a torcida (Galera) que se manifesta de acordo com a apresentação de cada quadrilha e são julgadas como item de número 10 na competição.



Figura 6 - Localização do local da festa

Mas as disputas das quadrilhas nem sempre foram realizadas no local que é hoje. As quadrilhas juninas foram fundadas com o objetivo de se apresentar nas festividades do padroeiro da cidade de Faro-Pá, logo, as apresentações aconteciam na praça de São João Batista, que permaneceu até o ano de 2005.

O motivo da mudança de local da disputa das quadrilhas, se deu pela grande rivalidade que sempre terminava em brigas entre integrantes na frente da igreja, isso fez com que o pároco proibisse as apresentações. Como diz Maria Assunção que faz parte da comissão organizadora da Quadrilha Campinense no Arráia:

“O padre proibiu por ter muitas brigas entre os brincantes, principalmente entre as quadrilhas Campinense e Foliões da Madrugada” (Maria Assunção, 2018).

Com a proibição das apresentações na Praça de São João Batista, no ano de 2006 é organizado o primeiro festival folclórico de quadrilhas juninas da cidade de Faro, sendo realizado na quadra poliesportiva Kleber Campus D’antona, local que foi

palco das disputas apenas por 1 ano. Em 2007 o Ginásio do Morumbi com capacidade de comportar maior número de público, se tornou o palco das apresentações.

A pesar de comportar um grande número de pessoas, o Ginásio Coberto do Morumbi como é conhecido, ficou pequeno para a quantidade de torcedores que vão prestigiar os espetáculos das quatro quadrilhas. O espaço é ocupado pela população horas antes de começar a primeira apresentação, isso acaba deixando muitos visitantes de fora, por não conseguir lugar nas arquibancadas. Com isso, o festival de quadrilhas de Faro-Pá não está preparado para receber os visitantes, sente-se a necessidade de camarotes na estrutura do Ginásio, ou melhor, um local próprio para as quadrilhas, com uma estrutura que dei um conforto maior e que permita que os visitantes prestigiem e divulguem pontos positivos da festa. Figura 7

Figura 7 - Foto aérea do ginásio no dia do festival.



Figura 7 - Foto aérea do ginásio no dia do festival
(Foto: Alexandre Guerreiro 2017)

4 CAPÍTULO 4

4.1 INFLUÊNCIAS CULTURAIS QUE CONTRIBUÍRAM PARA AS TRANSFORMAÇÕES NO FESTIVAL DE QUADRILHAS.

O processo cultural é formado pelo conjunto de práticas e por uma rede de significados compartilhados em grupos sócias. Características da cultura apresentam potencialidades adaptativas de acordo que são repassadas, como construção do dinamismo dia a dia.

A cultura é o resultado das atitudes, ideias e condutas compartilhadas e transmitidas pelas pessoas e suas transformações. Com isso, aponta-se neste tópico, influências culturais que levaram as quadrilhas juninas a passarem por transformações em suas características típicas caipiras.

Um das influências que foram apontadas por organizadores das quadrilhas de Faro-Pá, encontram-se em cidades vizinhas como o Boi Bumbá de Parintins- Am e a Ciranda em Manacapuru-Am. Como diz Deniesio Guimarães que:

“As quadrilhas de Faro, foram como uma fusão de outras culturas como o Boi Bumbá, Ciranda e até outras quadrilhas. Mas que adquiriram características particulares que se destacam ao comparar com outras quadrilhas”. (Deniesio 2018)

Com isso, comparasse elementos presentes entre as quadrilhas de Faro-Pá e as outras manifestações culturais que como foi dito por Deniesio (2018) influenciaram de alguma forma em suas características.

4.1.1 Ciranda de Manacapuru-AM

As Cirandas de Manacapuru-Am apresentam uma grande semelhança com as quadrilhas de Faro-Pá. É importante frisar que apesar da grande semelhança, não se afirma que as duas sejam a mesma coisa, pois o modo de dançar e a encenação às distingui em dois tipos de manifestações.

Em um contato visual, pode-se dizer que a maior semelhança está nas indumentárias usadas nas apresentações, onde se distingui apenas no comprimento da saia do vestido, que nas quadrilhas são alguns centímetros maiores que as usadas

nas apresentações das cirandas de Manacapuru que também possuem maiores pedrarias e luxo. Figuras 8.



Figura 8 - Ciranda de Manacapuru.
Fonte: Repórter-Am



Figura 9 - Quadriilha Foliões da Madrugada.
Fonte: Blog Amazônia acontece (Foto: Zilton Fioravante)

As Cirandas de Manacapuru possuem personagens semelhantes às das quadrilhas juninas, a Porta cores que conduz o símbolo da Ciranda contendo as cores da agremiação, equivalente à porta estandarte da quadriilha junina de Faro-Pá, e a Cirandeira Bela que é a mais bela da agremiação, equivalente à Rainha da Quadriilha que é um dos momentos mais esperados nas apresentações.

Assim como da Quadrilha Junina, a Ciranda de Manacapuru também se apresenta com um cordão de brincantes que são agrupamento de cirandeiros formado por homens e mulheres. A apresentação do cordão proporciona a introdução ao tema defendido pela agremiação, onde esse tema desenvolvido é a reunião de todas as ideias dispostas de forma organizada, concebidas para o desenvolvimento da agremiação.

As semelhanças entre as duas manifestações culturais são grandes, porém existem distinções. A distinção é apontada no momento em que se inicia a apresentação, ou seja, pelo ritmo musical. A forma de dançar diferencia os dois tipos de manifestação cultural, sendo que a ciranda possui um ritmo mais acelerado e a quadrilha junina de Faro-Pá um ritmo com mais batidas animadas e refrãos contados pela torcida.

4.1.2 Boi Bumbá de Parintins-AM.

A cidade de Parintins/AM se tornou a capital nacional do boi bumbá. Uma das maiores festas regionais do Brasil que faz parte da cultura folclórica da cidade, conhecido internacionalmente. Os bois Bumbá Caprichoso e Garantido ganham vida e evoluem em meio a fantásticas alegorias que se movimentam na arena do Bumbódromo, uma espécie de anfiteatro preparado para acomodar os torcedores que vem de várias partes do Brasil e do mundo.

No boi bumbá, em cada ano é escolhido um tema para ser apresentado nas noites do festival. Nas quadrilhas juninas do festival de Faro-Pá, não é diferente, pois é escolhido um tema pela comissão organizadora, e assim como, no festival de Parintins as alegorias evoluem em cada momento da apresentação e coreografia.

Em Parintins-Am, os moradores se dividem entre as cores azul e vermelho, das agremiações Boi Caprichoso e Boi Garantido. Na cidade de Faro acontece algo parecido, mas nas cores das quadrilhas juninas que, no bairro do Porto de Cima predomina as cores vermelho e branco (Unidos do PC), no centro as cores vermelho e amarelo (Foliões da Madrugada), no bairro da Campina o verde e rosa (Campinense) e no bairro do Morumbi a cor azul e Branco (Morumbi).

Itens semelhantes ao do boi bumbá se faz presente nas quadrilhas, como Porta Estandarte que é responsável por conduzir o boi em movimento em seu estandarte, o item rainha da quadrilha que no boi bumbá é rainha do folclore, o item

galera (Figura 10) que divide a ilha de Parintins em duas cores (Azul e Vermelho), também é um item a ser julgado na cidade de Faro. Itens como organização, figura típica, apresentador e coreografia se fazem presente nas duas manifestações culturais e são julgados pelos jurados.



Figura 10 - Galera da Unidos do PC
Fonte: Trabalho de Campo, 2018. (Foto: Elgles Mileno)

Na figura 10 onde mostra a torcida/galera da quadrilha Unidos do PC, é uma característica que não é vista em festivais de quadrilhas em cidades vizinhas, são pessoas que chegam pelo menos 2 horas antes da primeira quadrilha para garantir lugar na arquibancada e se manifestam com bandeiras, balões, pompom e batecos que são recolhidos ao final das apresentações dos bois em Parintins.

Na pesquisa de campo onde revelou-se em entrevistas o boi bumbá como uma manifestação que influenciou de alguma forma no festival de quadrilhas de Faro-Pá, havendo uma circularidade da cultura já explicado neste trabalho, destaca-se o que é dito por Denielsio Guimarães (2018):

“Apesar das quadrilhas terem sofrido uma certa interferência no seu modo de apresentação pelo boi bumbá, eu não acho que isso prejudicou na nossa tradição. Por que o que temos

aqui em Faro, não vi em lugar algum algo parecido com essas quadrilhas, no entanto, que quando vamos nos apresentar fora daqui, as pessoas ficam encantadas ao ver” (Denielsio, 2018).

Outra característica incomum é o uso de alegorias nas apresentações. Parintins-Am, é uma cidade que exporta artistas para trabalhar em outros festivais, os organizadores das quadrilhas contratam para trabalharem na confecção de alegorias e organização das mesmas quando se apresentam. Na figura 11 mostra o trabalho de alegorias na apresentação



Figura 11 - Alegoria presente na apresentação.
Fonte: BlogAmazoniaAcontece,2017. (foto: Zilton Fioravante)

O contato que os artistas de Parintins possuem com as quadrilhas, acabam por fazer uma troca de características, modificando a maneira de como se representavam, incluindo técnicas alegóricas que se fazem alegorias se movimentarem dando uma qualidade melhor e maior. Esses exemplos citados e representados com imagens, são prova de influências culturais no festival de quadrilhas de Faro-Pá. Figura 12.



Figura 12 - Momento que alegoria traz a destaque.
 Fonte: trabalho de campo, 2018. (Foto: Elgles Mileno)

4.1.3 Uso de tecnologia na festa das quadrilhas.

Na era de grande avanço tecnológico e principalmente em tecnologia da informação, as tradições populares acabam sofrendo transformações e viram atrativos para o setor econômico, tornando a cultura como produto.

Com o mundo globalizado, pode-se dizer que a tradição popular vem se adaptando e se transformando para sobreviver ao tempo. A internet é a principal ferramenta de ligação entre uma cultura e outra, permitindo que se conheça e compartilhe culturas diferentes, adaptando-as e unindo traços similares.

Hoje em dia, pode ser visto no festival de quadrilhas de Faro-Pá, a presença de tecnologias nas apresentações das quadrilhas Juninas, saindo do tradicional e implantando o tecnológico. Mas, como isso ocorre? Há de se questionar que hoje, nas apresentações, encontramos vários fatores que modificam e modificaram a estrutura, a vestimenta e as músicas dos grupos juninos, entre outros elementos. Quem conta é Luciana Dantas (2018):

“Essas tecnologias trouxeram para as quadrilhas com certeza mais beleza, mais brilhantismo, sucesso, ficaram ainda mais

lindas. Mas, na minha opinião fugiu um pouco da originalidade de cada uma. Sabemos que quadrilha vem de caipira, coisa do interior, e na minha opinião essas novas tecnologias esconderam um pouco esse lado de caipira, claro, elas ficaram ainda mais bonitas quando se apresentam. Antigamente não se usavam tão brilho, as roupas eram simples, roupas de caipira que hoje já não se vê. Já se vê roupas mais sofisticadas, mais com brilhos, tudo pela competição” (LUCIANA, 2018).

Ainda sobre a influência das tecnologias que levaram a modificação na vestimenta das quadrilhas, Luciana Dantas (2018), diz sobre a consequência para a quadrilha quando não acompanha e utiliza elementos tecnológicos em sua apresentação:

“Se hoje uma das quadrilhas vem com o lado caipira, aquele lado original, perde. Então, para essa quadrilha não perder pra outra, ela também vai usar tecnologias que usam brilhos, que mudam um pouco aqui, um pouco ali. Então, na minha opinião favoreceu muito, elas ficaram ainda mais brilhantes, mais beleza. Mas deixou um pouco de lado o caipira” (LUCIANA, 2018).

Tomando como exemplo o fato de que nas apresentações dos Bois Bumbas Caprichoso e Garantido de Parintins/AM, que mostra a invasão de patrocinadores de multinacionais numa festa “Folclórica”. O festival de quadrilhas de Faro-Pá cresceu e se modernizou com patrocínios de empresários locais e de outras cidades. O impressionante é que a cultura passou a ser um produto e como produto ela precisa se reciclar ou se inovar.

Ultrapassando fronteiras, as tecnologias não apenas modificaram traços tradicionais como também deixaram o festival conhecido. Através da internet o festival é transmitido ao vivo para todo o mundo, dando visibilidade para a cultura fareense que é destaque em criatividade no que diz respeito em dançar quadrilha. Como diz o fundador da quadrilha Campinense no Arraiá, Sivaldo Batalha:

“Hoje, quando vejo a quadrilha que eu fundei, para ser apenas uma brincadeira, digo que não imaginava que seria tudo isso que é hoje, antigamente as roupas de chita e hoje são luxuosas, um festival conhecido em várias cidades” explica. (Sivaldo 2018)

A união de tradição e tecnologia pode ser visto na cultura Fareense, como conta lane Brito que participa da organização:

“Uma união visível é utilizar as novas tecnologias para recriar tradições, como fogueira, que como é perigoso usar fogo, a tecnologia ajuda dando outras possibilidades de recriar uma fogueira”. (lane Brito 2018)

Destaca-se também a resistência de elementos típicos caipira que dão momentos de destaques nas apresentações, como no casamento caipira que o noivo tenta fugir, mas é forçado a se casar pelo pai da noiva, e no casal caipira que ainda se faz presente nas apresentações e são os únicos que ainda apresentam traços tradicionais caipira, como em suas roupas de chita quadriculada e chapéu de palha.

Uma forma de resistência ao tempo, tendo em vista o avanço tecnológico, seria a criação de museus, que não se tem na cidade de Faro. A presença de um museu permitiria recuperação de objetos, fotografias e arquivos da cultura popular para resistir ao tempo e ser visto por várias gerações, tendo o conhecimento de objetos e tradições.

No caso do turismo, a globalização abriu um leque de oportunidade para os moradores e brincantes. Mas para isso, é preciso preparar a cidade para receber os turistas e compreender que os projetos de políticas culturais devem ter como base o desenvolvimento local. Segundo Cristiano Braga (2003), “O fenômeno da Globalização, apesar de massificante, enaltece os valores socioculturais regionais, que podem ser difundidos e consolidados como produtos típicos e geradores de receita”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quadrilha junina é um patrimônio imaterial que precisa ser cultivado, pois faz parte da nossa cultura popular. As festas juninas consistem em um vasto campo de pesquisa, sua simbologia presente na tradição da festa, nos conduz ao fato de que através das manifestações folclóricas como a festa junina, mantém-se viva as tradições e costumes de um povo, desta forma, sua identidade para as gerações futuras, mantendo vivas as práticas que foram se perdendo.

Com a modernidade as quadrilhas juninas de Faro-Pá ganharam reconhecimento na mídia e ganhou status de espetáculo, atraindo turistas, patrocínios e investimentos, porém, isso pode soar como uma perda de sentido, tornando as quadrilhas juninas apenas como um objeto de consumo, quando, em sua essência, era mais familiar, do povo.

Este fato pode ser observado nos próprios trabalhos realizados por brincantes e organizadores, quando deixam de fazer uso de produtos tipicamente caipiras, como frutos, e culinária que são consumidos na festa junina, para elementos industrializados que são consumidos dentro da festa demonstrando que a tradição junina virou um produto comercial.

Com a análise das entrevistas e dos resultados apresentados ao longo dos capítulos desta monografia, que teve como objetivo analisar as transformações culturais do festival folclórico de quadrilhas juninas de Faro-Pá, identificando as influências que contribuíram para sua transformação, constatou-se que os participantes das quadrilhas apropriaram-se em suas apresentações de elementos culturais de manifestações diferentes, mesmo que não seja de forma semelhante, adaptando-as. Isso leva ao conceito de circularidade da cultura, no qual é apresentado em um tópico.

O estudo do festival, provou-se que pela complexidade das quadrilhas juninas, não se deve ter uma visão generalizada de uma manifestação com características caipira. A pesquisa de campo alcançou os objetivos de analisar as transformações, identificando as influências que vão se unindo ao longo dos anos de maneira que haja circularidade de elementos.

É importante lembrar que as quadrilhas juninas acabaram se profissionalizando, fruto da competição. Na adaptação da chamada cultura popular a

um contexto que recebeu influência e passaram por transformações, é certo, que as quadrilhas juninas apesar de todas as transformações pelas quais venham a passar, não se desvinculam do contexto comemorativo demarcado dentro da cultura brasileira.

Os elementos obtidos pelas quadrilhas, estão presentes até na forma de dançar. Em relação à técnica de como se apropriar de algo nas apresentações, parece ser própria de cada quadrilha, visto que, na busca pelo título que é uma das causas de tais transformações, procuram-se inovar diante das demais, para tal, é necessário ir beber em outras manifestações, como foram destacados no capítulo 4.

Essa mistura, que pode fundir os mais distintos referenciais culturais, parece ser própria do mundo atual entre os distintos espaços ocupados por diferentes grupos sociais com técnicas e costumes que são absorvidos. Dentro da análise das quadrilhas, já que foi influenciada por elementos externos, como cultura do boi bumbá e ciranda, que são diferentes de seu tradicional, também recebe de tecnologias, dando uma visão de modernidade.

Para manter viva a história das quadrilhas, bem como traços tradicionais que estão deixando de fazer parte nas apresentações, a cidade de Faro, necessita de um espaço que mantenha seguro todo um histórico da cultura do povo fareense, que além de manter seguro e preservado, pode ser visitado.

Com a criação de um museu, a população de Faro e turistas, irão poder encontrar uma coleção e uma história, um espaço inclusivo que procuram o que é que a comunidade quer aprender, algo relevante da cultura local, exposto para ser estudado e divulgado como forma de resistência da modernidade, na memória do povo.

Apesar do festival de quadrilhas de Faro-Pá ter chegado a tamanha proporção, é preciso serem corrigidos certos defeitos, principalmente na organização do local da disputa, pois na hora que uma quadrilha se apresenta, sua torcida passa a invadir o espaço reservado para quem paga cadeira especial. Isso, acaba por criar tumulto a partir que alguns torcedores retiram as grades de separação.

Foi observado na pesquisa de campo, que o espaço não comporta tantas pessoas, além, de encher rapidamente as arquibancadas. A área reservada para

entrada dos brincantes e alegorias, são ocupadas por pessoas que se espremem a meio ao entre e saí da organização das quadrilhas, isso reforça a construção de um espaço próprio para o festival, que não seja improvisado em um ginásio de esporte.

As informações contidas neste trabalho contribuirão para que a população fareNSE, bem como visitantes, conheça a trajetória do festival de quadrilhas de Faro-Pá que participam ativamente e de forma significativa na construção de valores sociais e para que gerações mais jovens conheçam os costumes dos quais possivelmente participam, mas desconhecem suas origens.

REFERENCIAS

APPADURAI, Arjun. “**Disjunção e diferença na economia cultural global**”. In: FEATHERSTONE, Mike. (Org.) **Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore – Invenção e Comunicação**. Aracajú: Typografia Editorial/ Scortecci Editora, 2005.

BARNES, J. A. Redes Sociais e processos políticos. In: **Antropologia das Sociedades**

Contemporâneas: Métodos. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BRAGA, Cristiano. **Políticas Culturais para o Desenvolvimento: uma base de dados para a cultura**. Brasília: UNESCOBrasil, 2003, p. 55

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural: o estado da arte**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENTHAL, Zeny (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 59-97.

CLAVAL, P. (1999). **Geografia Cultural**. Florianópolis, EDUSC.

CLAVAL, Paul. “**A volta do cultural**” na geografia. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.

CIDADE, Tereza. **Festival de cirandas de Manacapuru**. <http://www.amazonasemais.com.br/amazonas/manacapuru/festival-da-cirandas-de-manacapuru-29-de-agosto/> > acesso em 07 de julho de 2017.

FIORAVANTE, Zilton. **Festival de quadrilhas de Faro-Pá**. Disponível em: <http://amazoniaacontece.blogspot.com/2017/07/xiii-festival-de-quadrilhas-de.html?m=1> > Acesso em 07 de julho de 2017.

GEERTZ, Clifford. **“Uma Descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura”**. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

IBGE, Portal do IBGE. **Histórico da cidade de Faro-Pá**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>index.php/2018/07-histórico-da-cidade-de-Faro>> Acesso em 29 de Julho de 2018.

MIRA, Maria Celeste. Ongueiros, festeiros e simpatizantes: o circuito urbano da “cultura popular” em São Paulo. In: **A cidade e seus agentes: Práticas e representações**. Belo Horizonte: Puc Minas Minas/Edusp, 2006.

ROBERTSON, Roland. **Globalização: Teoria Social e Cultural Global**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WAGNER, Philip L. **The Human Use of Earth**. (Glencoe, Illinois.: Free Press, 1960)

Introdução a geografia cultural / Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rozendahl (organizadores). - 6º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

A morfologia da paisagem. Em: J. Leighly (org.), **Terra e Vida - uma seleção dos escritos de Carl Ortwin Sauer**. Berkeley, The University of California Press, 1963 (original de 1925)

6 ANEXOS